

Com a modernidade, surge então uma nova forma de público, um outro tipo de produção e recepção da arte, moldado segundo a nova dinâmica do século XX [...] o cinema passa a se configurar como um local para essas manifestações, para ‘ser visto’. Um espaço para se destacar, as salas de espera se configuram como um sofisticado espaço de visibilidade [...] Nas salas de espera, os frequentadores criam um clima de individualização e aproximação, um clima sofisticado que convida o público a se sobressair, a se retirar do anonimato urbano. São moças e rapazes bem-vestidos, olhares e paquera..¹⁰⁴

O clima envolto nos cinemas propiciava grandes espetáculos. Espetáculo que começava na calçada estendia-se pelo hall de entrada até a tela e às poltronas acolchoadas. Tudo organizado e decorado, a fim de agradar o público e proporcionar êxtase ao adentrar suas bilheterias. As salas de projeções sofriam modificações e ganhavam cada vez mais requinte e luxo, porém com distinção em relação ao seu público. Para Machado, “um lazer pensado para várias camadas da sociedade”, o cinema alcançava os mais distintos segmentos sociais, atendendo aos mais variados gostos, estilos e posição social.

Desta forma, o cinema, como um agente da modernidade, trouxe nuances ao comportamento humano, por um lado, e, por outro, propiciou “um novo conceito de sociabilidade”. Sociabilidade pensada como um conjunto de idéias e comportamentos condizentes com os valores de uma época. Essa dada sociabilidade era modificada inclusive com o cinema, delineando relações sociais que este trabalho propõe recuperar, trazendo à tona momentos peculiares e específicos das salas de cinema que geravam uma euforia e um *glamour* presentes em seu entorno. É retomar o lugar e a posição do cinema para a cidade de Uberlândia e a valorização do processo de modernização calcado nos parâmetros de progresso e desenvolvimento.

O cinema configurava-se, nesse momento, como um ícone da modernidade. Sua difusão e conseqüente efetivação tornar-se-iam um caminho a ser trilhado. Os cinemas representavam o que havia de mais moderno no sentido como Berman¹⁰⁵ define essa noção, compreendida pela mudança no tempo e no espaço compartilhado pelos homens.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das

¹⁰⁴ MACHADO, Fabiana Moraes. **Entre caboclas e thedas baras**: a tradição e a modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005, p. 43-44.

¹⁰⁵ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Loriatti. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.¹⁰⁶

O cinema é a experiência do novo em contraposição ao velho e ao tradicional. Neste sentido, vinha ao encontro das prerrogativas da elite local em alçar-se num movimento de mudanças, congregando arte/técnica/diversão num mesmo espaço. Advém daí a necessidade de um cine-theatro, no começo do século, que expressasse o vigor da cidade. Após a construção do Cine Theatro São Pedro, outras construções acabaram por preencher o cenário urbano de Uberlândia, acompanhando um período de expansão do cinema no Brasil.

Num período relativamente curto, a cidade contou com o que se poderia denominar de “Cinelândia” uberlandense. As salas cresciam e, concomitante com elas, a exigência e a preferência de seu público. Com proporções cada vez maiores, as salas de cinema ganhavam requinte, elegância, estilo e procuravam diferenciar-se uma das outras. Em 1937, foi inaugurado, em Uberlândia, o novo Cine Theatro Uberlândia, que – com proporções suntuosas e grandiosas – foi considerado “o maior Palácio Cinematográfico do Brasil Central”. Esta sala representava, em termos arquitetônicos, o que havia de mais luxuoso e glamoroso. Para Pinto, a imprensa noticiava as dimensões “assombrosas” da sala e a grandiosidade e imponência que esse cinema representava para a cidade.

Com linhas sóbrias e retilíneas, de arquitetura moderna –segundo as concepções da época –, iluminação indireta e colorida, escadarias de mármore, forrado com celotex e comunicação interna por telefone automático[...] Os “rumores” eram de que a sua galeria e a sua platéia comportariam duas mil pessoas cada, atingindo um total de quatro mil lugares.¹⁰⁷

Representando os ideais das elites locais, o Cine Theatro Uberlândia tornava-se um ícone da cidade, reiterando “a imagem de uma terra moderna e progressista”. Compunha o que conhecemos como templos ou palácios cinematográficos, devido à sua suntuosidade e imponência comoverem, e arregimentava multidões em seu entorno. O interior dessa sala também se configurava em um esplendor e requinte. Um ambiente propício ao lazer e entretenimento em que se comungava de um belo acontecimento social.

¹⁰⁶ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Lorigatti. São Paulo: Cia. das Letras, 1986, p. 15.

¹⁰⁷ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 51.

É nesse ambiente meio mítico e repleto de significados que os espectadores adentravam, cruzavam as borboletas prateadas, atravessavam o grande hall e a vasta sala de espera, seguindo até os corredores centrais, envolvidos pela atmosfera contagiante do local, que atraía para o centro do proscênio, com os seus efeitos ilusórios de profundidade, como que induzindo as pessoas para a grande tela branca, onde tudo podia acontecer, quase como num passe de mágica, levando as pessoas para um mundo encantado, repleto de sonhos e fantasias.¹⁰⁸

As imagens, a seguir, permitem-nos perceber a ampla disposição de espaço tanto em seu interior, quanto em fachada. Sua fachada retilínea remete às linhas arquitetônicas modernas para o período. O hall de entrada constituía um ambiente que, apesar de amplo, proporcionava um aconchego para a convivência social. A luminosidade, possibilitada pelo grande número de luzes embutidas nas sancas, também colaborava para essa sensação de aconchego. Ao situá-las indiretamente, uma penumbra sutil envolvia as conversas no hall anteriores às sessões.

¹⁰⁸ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 62.



FIGURA 12: Fachada do Cine Theatro Uberlândia, em 1937.

Fonte: Foto da coleção Osvaldo Naghetini – Arquivo Público Municipal de Uberlândia



FIGURA 13: Foto da sala de espera e o hall de entrada do Cine Theatro Uberlândia em 1937, com destaque para o requinte e o tamanho do lugar.

Fonte: Foto da coleção Osvaldo Naghetini nº 421 – Arquivo Público Municipal de Uberlândia

O cinema compunha um imaginário social no qual o adentrar suas salas significava participar daquele mundo novo. O acontecimento social representava um ritual presente na sociedade uberlandense. Compartilhar daquele espaço era conviver e desfrutar socialmente de um hábito. Para Garcia, “[...] havia todo um ritual de preparação para adentrar aos Cinemas. Ir ao cinema não era apenas postar-se para espreitar a realidade em movimento, o Cinema era um privilegiado espaço e momento de entrega à magia do ócio”.¹⁰⁹

A magia, ao atravessar as bilheterias, era composta não só da apresentação do filme, pelo contrário, havia todo um ritual antes e depois das sessões. “Para tanto, as moças se preparavam com seus mais belos trajes, deixando por vezes um lugar vazio ao seu lado”, enquanto “Os rapazes caminham pelo Cinema insinuantes, lançando olhares furtivos às moças de seu agrado”. Todo esse comportamento refletia a aura reinante das salas de cinema, que representavam um espaço de flerte, romance, diversão, encontro, lazer, entre outros.

Após o término das sessões, acontecia o ‘vai e vem’ na calçada da Av. Afonso Pena. Os rapazes de terno e gravata, as moças com seus vestidos de baile, desciam e subiam a Avenida lançando olhares insinuantes (sic) ao companheiro do sexo oposto. Mas mesmo neste ‘footing’ os transeuntes eram designados pela condição social.¹¹⁰

Essa aura resplandecente propiciada pelas salas de cinemas reflete a magnificência presente nestes espaços. Uma vez que o espetáculo não se constituía apenas no interior das salas, o antes e o depois também se configuravam em um hábito social, pois construía-se uma sociabilidade pertinente à cidade. Num espaço quase que delimitado e preestabelecido pelos frequentadores, o centro da cidade congregava, em suas principais avenidas e ruas, os pontos de convivência social e prazer.

No final dos anos 30, núcleo comercial e social de Uberlândia localizava-se na Av. Afonso Pena, onde ficavam as principais lojas, restaurantes, bancos, livrarias, bares e cinemas. Em meio a esse cenário, encontrava-se o maior e mais famoso cinema da cidade, o Cine Teatro de Uberlândia.¹¹¹

O postar-se socialmente e estar habituado a frequentar, traços característicos dessa sociabilidade, exigia uma apresentação peculiar a cada espaço. As salas de cinema

¹⁰⁹ GARCIA, Renisia Cristina. **100 anos de cinema**: o aspecto social da arte cinematográfica. Uberlândia: Secretaria Municipal da Cultura, 1995, p. 13.

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 85.

representavam um acontecimento social, justamente, por predeterminarem uma conduta e um comportamento que refletisse o seu ritual. Disputar esse espaço significava participar da sociabilidade e do *footing* antes e depois das sessões nas ruas próximas aos cinemas.

Fato que ia desaparecendo e perdia-se em meio ao turbilhão de transformações sociais, econômicas e culturais da sociedade. Num transcorrer de aproximadamente 30 anos, o ato de ir ao cinema perdia seu *glamour* e passava a constituir-se apenas como mais um entretenimento. Um a mais nas opções de lazer oferecidas no final do século XX. O requinte e a magia presentes nas antigas salas de cinema esvaneceram com o tempo.

Há de se referenciar quais salas compunham o cenário sócio-urbano da cidade, a fim de elucidar e acompanhar tal processo. Processo esse que engrandece e dá respaldo teórico para compreender a pesquisa e nos possibilitar entender as décadas de 1980 e 1990. Momento em que as salas começam a desaparecer uma a uma. Salas que fazem parte da problemática deste estudo, uma vez que compõem um imaginário social de Uberlândia.

O quadro abaixo refere-se ao processo de cristalização e implantação das salas de cinema em Uberlândia nas primeiras décadas do século.

RELAÇÃO DOS CINEMAS LOCAIS – 1910 a 1950

CINEMAS	DATA DE FUNDAÇÃO
CINE CARNEIRO	07 de setembro de 1910
CINE CENTRAL	24 de dezembro de 1918
CINE THEATRO AVENIDA	10 de outubro de 1928
CINE THEATRO UBERLÂNDIA	1937
CINE ÈDEN	08 de janeiro de 1938
CINE BRASIL	19 de julho de 1939
CINE PARATODOS	03 de julho de 1948
CINE REGENTE	1952

Fonte: GARCIA, Renisia Cristina e PINTO, Luziano Macedo.

Esses foram os primeiros cinemas de Uberlândia (1908 – 1952). Alguns sobreviveram por um período mais longo, como é o caso do Cine theatro São Pedro, do Cine Theatro Avenida e do Cine Theatro Uberlândia; que foi o maior cinema não só de Uberlândia, mas do Brasil Central (às vezes, citado pelos jornais como sendo o maior do Estado) e o cine Éden, que representou um marco para o desenvolvimento da região norte da cidade. O Cine Regente, o segundo maior cinema que a cidade já teve, funcionou até meados dos anos 80. Temos também o caso do Cine Brasil, que funcionou por um período muito curto, menos de um ano.¹¹²

As salas¹¹³ foram inauguradas atendendo a um momento de fascínio pelo mundo cinematográfico. Foram fechadas à medida que não conseguiram se manter como empreendimento comercial rentável. Cada uma com características próprias e atendendo a determinadas exigências sociais no cenário urbano de Uberlândia, construíram sua marca indelével. Reforçando as mudanças quantitativas em detrimento das qualitativas, assumiam uma nova configuração no cenário social. Passa, neste sentido, a reinar uma nova configuração espacial e territorial na cidade e, por decorrência, nas salas de cinema, fato fundamental para esta discussão. Não cabe aqui entrar no mérito da questão se o cinema como arte ainda se configura como tal. Pelo contrário, retomar as salas de cinema como foco principal deste trabalho é percorrer o cinema a partir de seu espaço social, inclusive problematizando as condições de abertura ou fechamento das diversas salas de projeção nesta cidade.

¹¹² PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 77.

¹¹³ Além destas salas houve também o Cine Capri, o Cine Tupã e o Cine Vera Cruz. Salas que ficaram por pouco tempo na cidade.

2.2 – CINE REGENTE



FIGURA 14: Fachada do Cine Regente na década de 1950.
Fonte: Foto da coleção Osvaldo Naghetini nº 445 – Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

No início da década de 1950 surgia, no cenário uberlandense, uma sala de projeção com características próprias. Localizada no centro da cidade, esta sala, o Cine Regente, inaugurada em 1952 com capacidade para 840 pessoas, pertencia à companhia de Ribeirão Preto – Alvorada Cinematográfica Internacional Ltda, de propriedade de Wilton Figueiredo.¹¹⁴ Deixou sua marca na história da cidade, uma vez que compôs o cenário social desde os meados do século XX, estabelecendo-se no circuito uberlandense por longos anos.

Assim, reviver os tempos áureos de uma sala que chegou a ser considerada “o segundo maior cinema de Uberlândia”, devido à sua estrutura e espaço, faz-se de suma importância. Para Pinto, o Cine Regente também conhecido como “Palácio Azul”, em decorrência da pintura interna das paredes, foi considerado pela imprensa “mais um símbolo de progresso”, compondo a cidade com mais um monumento de ostentação e beleza.

O Cine Regente caracterizava-se arquitetonicamente pelos traços livres e retos e pela incorporação de um “novo elemento” – o néon –, que envolvia o seu letreiro e também toda a fachada. Outro elemento que se sobressaía eram as vidraças com pequenos quadros geométricos, que propiciavam uma certa transparência, e, nas paredes das suas laterais, os espaços para fixar os cartazes dos filmes a serem exibidos.¹¹⁵

O Cine Regente possuía hall de entrada, corredor central, ampla sala de exibição e bilheteria, oferecendo a seus frequentadores conforto, diversão e entretenimento. Com uma arquitetura despojada e, certamente, com um tom mais suave, esta sala assumia, aos poucos, sua importância e seu lugar. Lugar este que se moldava fundamentado no gosto e na preferência dos espectadores.

Com um ar acanhado e sorrateiro, o Cine Regente traz, nos escombros e nas lembranças, a marca indelével de sua história. História carregada de contratempos, saltos, fechamento, destruição, tombamento e a doce ilusão de um lugar que já se foi. Recuperar e trazer à tona essa sala significa, entre outras coisas, reviver momentos e acontecimentos marcados nas lembranças dos uberlandenses – aqui me incluo – de momentos de euforia, êxtase e distração.

¹¹⁴ Na década de 1990, os cinemas do centro da cidade de Uberlândia eram de um único proprietário o sr. Wilton Figueiredo. Possuía o Cine Regente, Bristol e Windsor, alugando os prédios do Cine It e Center. A empresa quando surgiu era conhecida como Teatral Paulista, depois veio a se chamar São Paulo Minas e fechou como Alvorada Cinematográfica.

¹¹⁵ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema:** tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 74.

Partindo da década de 1980, quando o Cine Regente ainda era um grande referencial de cinema para a cidade, compreenderemos como este se configurava no espaço urbano, entendendo seu percurso no transcorrer de duas décadas até seu fechamento final e total desaparecimento.

Assim, o cinema, como espaço, não era palco apenas das apresentações de filmes, constituía-se também de um espaço de amplo uso, atendendo a eventos políticos, colações de grau, movimentos artísticos, entre outros, conforme percebemos na imprensa local. Uma das chamadas da imprensa refere-se a uma reunião entre partidos políticos que teriam a figura do então candidato à presidência da República Ulysses Guimarães e eventos beneficentes atendendo às exigências da população. “Ulysses faz comício no Cine Regente”,¹¹⁶ “Cinema para a garotada no Cine regente”.¹¹⁷

No dia 20 de março de 1993, a imprensa abriu suas páginas noticiando “Uberlândia perde o Cine Regente”. A sala que tanto encantou seu público fechava as portas de um dos mais tradicionais cinemas da cidade. Segundo a imprensa, foi um fechamento repentino e sem maiores esclarecimentos. Acredita-se que fora pela má conservação da sala e pela programação adotada pelo cinema, especulações estas feitas durante o fechamento.

Repentinamente e sem nenhum barulho, Uberlândia perdeu, semana passada, uma de suas mais tradicionais salas de cinema. O Cine Regente, na rua Machado de Assis, fechou suas portas e nem os cinéfilos mais radicais pareceram perceber [...] O cinema fechou suas portas e vai virar igreja evangélica, como tantos outros no país.¹¹⁸

Ficou somente o ar angustiante de se perder uma das melhores salas da cidade, constituindo-se de um lugar amplo, confortável e tradicional. No entanto, muitas foram as críticas em relação ao seu estado de conservação, manutenção e risco para o público. Também não era para menos, o cinema existia há mais de quarenta anos. Esta sala configurava-se como uma sala de espetáculos e, como tal, havia em seu entorno uma magia peculiar. O que ficou em seu lugar foi apenas a saudade. Saudade de uma sala que, durante décadas, prestou serviço e diversão à sociedade uberlandense e vê-se modificada e atendendo a um novo público movido pela fé.

¹¹⁶ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 01, 19/08/89.

¹¹⁷ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 01, 11/10/84.

¹¹⁸ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 18, 20/03/93.

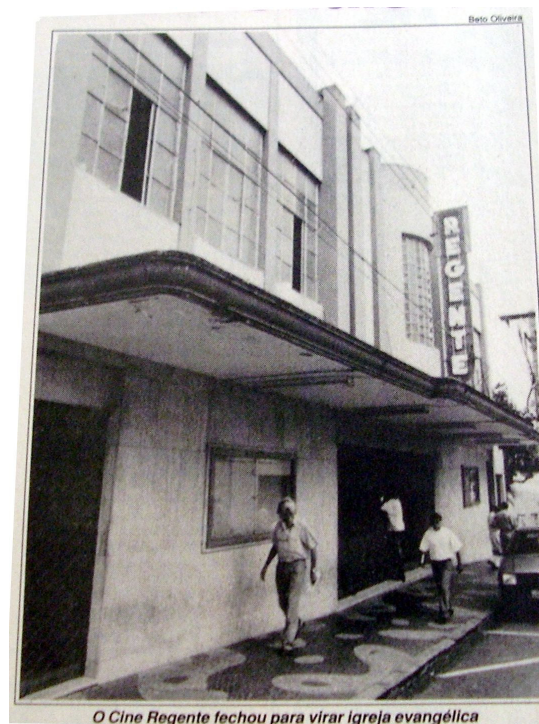


FIGURA 15: Reprodução da fachada do Cine Regente em 1993.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 20/03/1993, p.01.



FIGURA 16: Reprodução da fachada do Cine Regente modificada pela fé em 1993.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 25/04/1993, p.09.

O local onde, durante décadas, assistia-se ao burburinho da platéia e de seus espetáculos assumia uma nova função. Em decorrência da proliferação das religiões na década de 1990, o Cine Regente tornara-se palco de uma igreja. O lugar outrora destinado ao fascínio da grande tela e do escurinho transformara-se em templo religioso. Uma nova função para um velho espaço. Segundo a imprensa local, “Em outros tempos, ir ao Cine Regente era um costume de todas as famílias uberlandenses”.¹¹⁹ Costume que se perdeu e as antigas salas de cinema assumem uma nova configuração social.

O cinema já foi um dos lazeres preferenciais da cidade, assumindo a posição de número um nas escolhas de entretenimento. As salas detinham o poder de seduzir e reunir uma multidão apaixonada em torno de sua grande tela. Tudo envolto na beleza de suas estruturas, nas sutilezas da decoração, na magia das poltronas e, principalmente, no esplendor da tela. Adentrar e compartilhar o glamour das salas significava muito mais do que apenas assistir à exibição de um filme: significava conviver e experimentar um espaço social. Daí a importância da sociabilidade das salas de cinema.

Durante um tempo, a sala mais tradicional da cidade, o Cine Regente, foi alugada para uma igreja. Sem projetar filme algum durante anos, a imprensa noticia: “Regente volta a ser cinema. Filme reinaugura sala de exibição mais antiga da cidade”¹²⁰. O cinema voltava à ativa depois de um longo percurso. Com algumas reformas, reabriu com 600 lugares, uma bomboniere e uma sala de projeção. Segundo a entrevista de Maurício Pessini (dono do cinema) concedida à imprensa, foram investidos mais de 120 mil reais na reforma. O investimento justificava-se por essa sala ser considerada um patrimônio histórico para Uberlândia.

Quando nossos avós e pais nos contam sobre a euforia que uma tela grande provocava nos jovens de algumas décadas atrás, o Regente é lembrado como o point da juventude daqueles tempos em Uberlândia [...] o local onde se instalou o cinema, há mais de 40 anos, é quase um patrimônio histórico. Uma cidade com o porte de Uberlândia merece uma sala como aquela. O Regente tem raiz, é tradicional na cidade.¹²¹

Mesmo após a reforma em 1998, o Cine Regente não conseguiu manter um público considerável para a sua manutenção. Em 1999, desligou-se seu projetor e fecharam-se suas portas, desaparecendo novamente do cenário social da cidade. As justificativas para seu fechamento referem-se aos altos custos e a baixa frequência. Para a imprensa, esse fenômeno não é isolado, alastra-se pelas grandes cidades, onde os

¹¹⁹ **Jornal Correio**, p. A-2, 31/08/93.

¹²⁰ **Jornal Correio**, p. 18, de 05/08/98.

¹²¹ *Ibid.*

circuitos exibidores também estão desaparecendo. Neste movimento, de abertura e fechamento, o Cine Regente, como um último suspiro, reabriu novamente suas portas em 2000, mas, como era esperado, não conseguiu se manter. Em 2002, fechou definitivamente, não restando nada mais que um prédio demolido. A Prefeitura tentou um embargo do local com o intuito de obter o tombamento como patrimônio histórico, porém, com o local praticamente destruído, só restaram a saudade e as lembranças. Somente a poeira é testemunha do esplendor de outrora e da magnificência do Cine Regente.

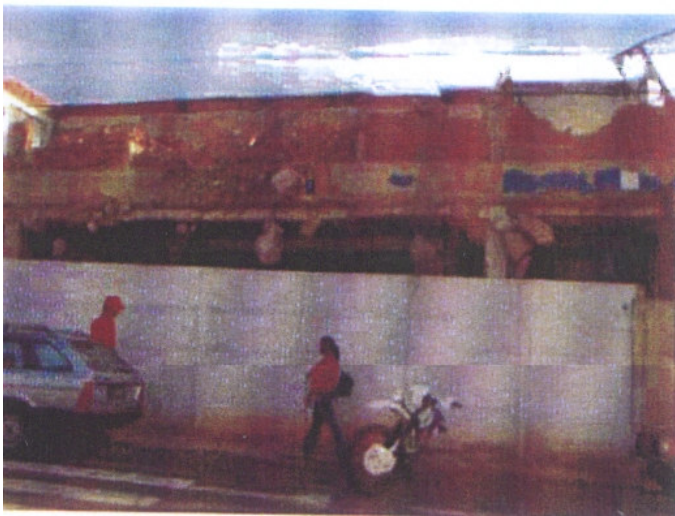


FIGURA 17: À esquerda, os restos do prédio quando se encontrava fechado em 2004.
À direita, o local e a poeira do que restou do cinema em 2005.

Fonte: CASTRO, Kellen C.;

2.3 – CINE BRISTOL

Um grande representante das salas cinematográficas em Uberlândia é o Cine Bristol, também de propriedade de Wilton Figueiredo. Esta sala se apresentava como um grande expoente. Inaugurada em 1928, com o nome de Cine Avenida, foi reformada no final da década de 1970, mudando-se seu nome para Cine Bristol. Sua localização no centro da cidade, na Av. Afonso Pena n.º 177, era um lugar que compreendia um espaço destinado ao *footing* de outrora.

O Cine Bristol foi uma referência para Uberlândia em termos de charme e elegância. Não tinha o esplendor dos “palácios cinematográficos” das décadas anteriores, mas constituía-se como um dos principais espaços de diversão e sociabilidade. Esse espaço acompanhou momentos importantes na cidade e configurava-se como um grande representante cinematográfico. O Cine Bristol também possui uma história peculiar. Sua trajetória, a partir da década de 1980, foi marcada por altos e baixos e por momentos inesquecíveis. Assim, buscar e compreender sua experiência leva-nos a desconstruir caminhos tortuosos, mas cheios de alegria e prazer.

No ápice de sua construção, esse cinema comportava 680 lugares com um amplo espaço e corredores de aceso. Após uma reforma em seu interior, houve um realinhamento e uma reestruturação do espaço, sendo redimensionado para 500 lugares. Contava com uma bilheteria que comportava os painéis de divulgação dos filmes, uma sala de espera com *bombonière*, uma grande tela, onde se formavam enormes filas de espera das sessões. “Filas quilométricas formaram-se ao longo dos quarteirões próximos ao Cine Bristol no centro da cidade ontem”.¹²²

¹²² **Jornal Correio**, p. 05, 22/06/90.



FIGURA 18: Fachada do Cine Bristol em 1990.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 25/03/90, p. B-01.

O Cine Bristol foi palco de várias campanhas beneficentes na cidade. Neste sentido, ocorreram exhibições especiais, que tinham por intuito angariar fundos, conforme as manchetes: “Cine Bristol exhibe filme para campanha beneficente”;¹²³ “Xuxa leva milhares de pessoas à ‘Lua de cristal’ e o ingresso é um quilo de alimento”.¹²⁴ Todas as campanhas tinham a participação de amplos segmentos da sociedade uberlandense.



FIGURA 19: A multidão na bilheteria do Cine Bristol

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 22/06/90, p. 11.

¹²³ **Jornal Correio**, p. 10, 06/01/92.

¹²⁴ **Jornal Correio**, p. 01, 22/06/90.

Para além do caráter social dessa sala, ela foi alvo de vários ataques e críticas dos frequentadores na década de 1990 em relação ao seu estado de conservação. Na pesquisa, foi possível perceber que, na grande maioria das reportagens em relação ao cinema, o Cine Bristol aparecia estampado nas manchetes: “Exibidores e espectadores se queixam do cinema na cidade” ou “Cinemas são inseguros e deficientes” e “O Cine Bristol teve de ser evacuado no dia do incêndio do bar ‘Butantã’”, são algumas das amostras, cuja imagem principal é a fachada do cinema. Porém, apesar de todas as críticas e elogios em relação à sua sala, conseguia manter-se fiel a seu público mesmo que com data marcada para seu encerramento.

No final da década de 1990, mais precisamente no ano de 1999, a imprensa noticiava que a cidade perdia mais uma sala tradicional: o Cine Bristol. Alegando que os custos elevados prejudicavam seu funcionamento, não resistiu ao déficit e à concorrência, fechando suas portas. “O Cine Bristol será substituído por uma casa de bingo. O fechamento de cinemas no centro das cidades é um fenômeno que está acontecendo nas maiores cidades brasileiras”.¹²⁵ O gerente da empresa que administrava o cinema explica as razões de seu fechamento.

Jose Medeiros, gerente da Alvorada Cinematográfica Internacional Ltda., empresa que administrava os cinemas, explica que apenas 40% dos 800 lugares estavam sendo ocupados. “As companhias que distribuem os filmes cobram cerca de 50% a 60% da renda. Ainda temos que pagar funcionários, manutenção, impostos, água e luz. Não estava compensando”, afirma.¹²⁶

Percebe-se, na manchete veiculada na imprensa, que as salas de cinema estavam fadadas ao desaparecimento. O Cine Bristol fechara suas portas. Em seu lugar, sem maiores alterações apenas com a pintura renovada, surgia a casa de Bingo Bristol. Resistiu por alguns anos e foi substituída por uma loja de eletrodomésticos. Não há no local qualquer resquício do que fora um dia, apenas um lugar frio, escuro e impessoal paira na imagem do espaço, e o espaço, que já fora uma grande sala de cinema, tornava-se apenas mais um empreendimento comercial.

¹²⁵ **Jornal Correio**, p. 01, 29/08/99.

¹²⁶ *Ibid.*, p. C-01.



FIGURA 20: Fachada do Bingo Bristol em 2006.
Fonte: CASTRO, Kellen C.;



FIGURA 21: Escombros do Cine Bristol em 2007.
Fonte: CASTRO, Kellen C.;

2.4 – CINE WINDSOR

O Cine Windsor foi inaugurado no começo dos anos de 1980. Localizado no centro da cidade, na av: Floriano Peixoto nº 28, situava-se no triângulo¹²⁷ das avenidas centrais. Foi inaugurado com capacidade para 280 lugares e, após uma reforma, chegou ao limite de 350 poltronas.

Esse cinema se caracterizou, em alguns momentos, por ter uma programação diferenciada, apresentando projeções e exhibições que não se limitavam ao circuito comercial hollywoodiano. Com isso, configurou-se como um espaço distinto dos outros, atendendo a um segmento específico de público atraído por filmes de arte. Desta forma, a imprensa divulgava tal empreitada com o maior entusiasmo, inclusive, afirmando a parceria entre a Prefeitura, a Secretaria Municipal de Cultura e a empresa responsável pelo o Cine Windsor. Tal acordo ficou conhecido como “sessão especial”. Agradava principalmente os chamados cinéfilos, que esperavam as sessões diferenciadas como uma proposta alternativa ao circuito comercial. Debates, mostras, exposições e palestras constituíam parte de seu repertório. Entretanto este projeto durou apenas três meses, e o cinema voltou ao circuito comercial de exibição, conforme manchete do jornal: “Cinema Especial quer mais público para suas sessões”.¹²⁸

Não foi apenas o projeto que desapareceu; por um período, o Cine Windsor também retirou-se de cena e, depois de alguns meses, reapareceu. Com a frase eloquente expressa no jornal local: “Cinema tem ‘semana perfeita’ na cidade”, a sala, anteriormente inativa, voltava a funcionar sem justificativas aparentes. Apenas ligou e desligou seus projetores sem maiores esclarecimentos ao seu público.

Essa é uma semana perfeita para quem gosta de cinema em Uberlândia. Além do Cine Windsor estar sendo reaberto, depois de meses sem funcionamento, a programação que entra em cartaz hoje traz nada menos do que seis estréias de qualidade [...] É programa garantido para os próximos dias e é bom não perder tempo.¹²⁹

O programa garantido não tinha dia e nem hora marcada para acabar, cabendo aos frequentadores aproveitarem cada momento. Com o alto índice de fechamento das salas de cinema em Uberlândia, não se sabia quanto tempo poder-se-ia usufruir o prazer de adentrá-las. Problemas internos e comerciais constituíam-se como justificativas para

¹²⁷ O triângulo das avenidas principais da cidade constitui-se das Av: Afonso Pena, Av: Floriano Peixoto e da R: Machado de Assis, onde as mesmas comportam os cinemas centrais: Bristol, Regente, Windsor, Comodoro e It.

¹²⁸ **Jornal Correio**, p. A-7, 04/01/90.

¹²⁹ **Jornal Correio**, p. 11, 30/10/92.

o fechamento das salas sem qualquer aviso prévio. Em 1993, anunciava-se, mais uma vez, o fechamento do Cine Windsor. Com a simples e imperativa frase: “Windsor fecha, mas ótimos filmes continuam em cartaz”, encerravam-se, por mais um período, suas exhibições. As alegações eram sempre as mesmas por parte da empresa responsável pelas salas: elevação de custos e baixo público.

O último a sair apaga a luz: depois do fechamento do Cine Center e do Cine Regente, a Alvorada Cinematográfica anuncia o fim de mais uma sala, o Cine Windsor. Segundo a direção da empresa, a intenção é centrar sua atuação no Cine Bristol, com boas programações. Nem poderia ser diferente: agora a Alvorada, que já teve o monopólio dos cinemas em Uberlândia, fica com apenas dois: Bristol e o pornô It. Para variar quem perde é a cultura da cidade.¹³⁰

Essa perda também foi sentida pelos frequentadores que não sabiam o porquê do fechamento das salas. O espaço que outrora fora palco de diversas exhibições e de grandes filmes também se tornou templo religioso. A fé substituiu a sétima arte na cidade, conforme é perceptível nas palavras saudosistas do jornal: “Assiste, vai. Do contrário, em pouco tempo Uberlândia será uma cidade sem nenhum cinema. E com um montão de igrejas”.¹³¹ Nessas circunstâncias, os cidadãos perdiam seus espaços de lazer e entretenimento para outras funções sociais.

Assim, a história do Cine Windsor, tal como as demais salas centrais, é permeada por altos e baixos, até que, na década de 1990, desapareceram do cenário urbano. Em um momento, a bilheteria recebia seu público e, repentinamente, fechava suas portas. Nestas idas e vindas, o ano de 1996 noticiava a reabertura de uma sala: “Enquanto cinemas de todo o país se transformam em igrejas, Uberlândia entra na contramão da história e reabre o Cine Windsor”.¹³² O tom alegre e ufanista reanimou os cinéfilos de plantão, que esperavam e aguardavam por mais esta sala. Sua reabertura deveu-se à entrega do prédio ao proprietário após ficar alugada por um período para uma igreja. Durante sua locação, nada foi alterado, apenas utilizaram o espaço e o conservaram, de tal forma que não necessitou de reformas.

A história das salas exibidoras de filmes em Uberlândia é digna de estudos mais aprofundados e já rendeu até teses de mestrado e publicações, seja sobre a quebradeira da metade do século ou sobre a transformação dos espaços em templos religiosos. Para reverter esse quadro, o cine Windsor reabre, hoje, as suas portas, a partir das 15 horas.¹³³

¹³⁰ **Jornal Correio**, p. 16, 16/04/93.

¹³¹ *Ibid.*

¹³² **Jornal Correio**, p. 15, 21/12/96.

¹³³ *Ibid.*

E assim, reinaugurou-se novamente o Cine Windsor no circuito cinematográfico. Suas sessões foram reabertas, e o público voltava a sentar-se em suas poltronas e saborear o escurinho de sua sala. Sabor e prazer estes que também se encontravam fadados ao fracasso, pois uma sala que era acometida por tantas idas e vindas iria desaparecer do cenário urbano. Seria apenas uma questão de tempo. E como não poderia ser diferente, seu abandono foi acontecendo paulatinamente e, por volta de 1998, seu trágico fim aconteceu. Após um período fechado e abandonado, os cidadãos passavam por sua calçada avessos àquele espaço. Outrora tão eloqüente e palco de tantas multidões, é hoje esquecido e ignorado. O que restou do lugar foi apenas o letreiro com o nome do cinema e as portas abertas com homens trabalhando. A grande fachada relembra que, um dia, ali fora um lugar especial. Apenas a demolição de sua história e a marca da terra vermelha que cobre o chão são os vestígios de um grande cinema. O que fica no lugar é a saudade e a lembrança de um tempo que já se foi. A fachada, agora, corresponde a de uma loja qualquer.



FIGURA 22: Fachada do Cine Windsor em 1996.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 21/12/96, p. 15.



FIGURA 23: Fachada do prédio do antigo Cine Windsor em 2004.

Fonte: CASTRO, Kellen C.;

2.5 – CINE COMODORO

Esta sala representava uma das que compunham o cenário urbano do centro da cidade. Devido à pouca documentação em relação a ela, que se evidencia como incógnita em nossas pesquisas. Apenas algumas informações referentes a essa sala estão referenciadas aqui. Pouco se sabe e não temos nenhuma imagem que reporte ao cinema e a sua fachada. Assim, o Cine Comodoro situava-se em uma das três avenidas principais do centro da cidade, localizado na rua Machado de Assis nº 516, próximo ao Cine Regente. Sua sala era composta de 220 lugares, sendo considerada pela crítica como um bom cinema.

Um fato marcante e peculiar a esta sala, na década de 1990, deixou raízes profundas em sua história. Em uma de suas sessões, estampou-se, nas páginas policiais do jornal, a seguinte manchete: “Promotor prende gerente de cinema e pode ser processado”. “Atendendo denúncias de espectadores, entre eles a própria namorada, o promotor Aldo Talialegna Júnior determinou a prisão do gerente de cinema. Motivo: exibição de fita defeituosa”.¹³⁴ Esta matéria marcou história e foi motivo de vários comentários.

Segundo a imprensa, o promotor lançou voz de prisão após receber denúncias dos espectadores, que, para ele, foram lesados de seu direito como consumidores. O gerente do Cine Comodoro foi preso e acusado de exibir uma fita com defeito. E, segundo consta, após a sessão, os frequentadores indignados foram reclamar e exigir um ressarcimento, que não aconteceu. O gerente alegava que a fita estava em ótimas condições, ao passo que grande parte da platéia afirmava que já apresentava falhas desde o início da sessão. Assim,

O gerente do Cine Comodoro, Alexandrino Alves dos Santos, foi conduzido na tarde de anteontem à 16ª Delegacia Regional de Segurança Pública, por ordem do promotor Aldo Talialegna Júnior, da comarca local, acusado de crime contra a economia popular, por estar exibindo segundo o denunciante, uma fita com defeitos e ter se recusado a repor o público de eventuais perdas. O filme em cartaz é “Laranja Mecânica” e, de acordo com os espectadores que ofereceram a denúncia ao promotor – dentre eles Nádia Kelly Pereira de Souza, apontada como sua namorada – estava com a legenda ilegível na parte final do filme. Um grupo de espectadores havia tentado junto à gerência do cinema a devolução do dinheiro do ingresso, o que foi recusado por Alexandrino dos Santos.¹³⁵

¹³⁴ **Jornal Correio**, p. 09, 03/02/90.

¹³⁵ *Ibid.*

Diante do acontecimento, o gerente foi solto mediante pagamento de fiança. Alegando que iria mover um processo contra o promotor, acusando-o de abuso de autoridade. O filme em questão, “Laranja Mecânica”, foi alvo de censura durante um período, mas já estava liberado. Assim, após algumas explicações, por parte do gerente, o Cine Comodoro continuou sua programação normal.



FIGURA 24: A manchete do jornal estampada a imagem do gerente da sala do Cine Comodoro.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio, de 03/02/90, p. 09.

Passado esse episódio fatídico para o Cine Comodoro, ele voltou, em 1996, a compor as páginas do jornal com uma notícia surpreendente aos seus frequentadores. “Cinema novo. Uberlândia passa a contar com uma sala exclusiva para a exibição de filmes de arte”. Segundo a imprensa e o dono da sala, Pedro Naves, essa mudança já estava para acontecer, principalmente, pela necessidade que a cidade tinha em relação a uma sala voltada para produções que fugissem do circuito comercial.

A transformação vem ao encontro de reivindicações antigas de cinéfilos, críticos cinematográficos, professores e admiradores da sétima arte. Agora, vamos ver se quem cobrou vai aparecer, justifica Pedro Naves, proprietário deste e de outros quatro cinemas da cidade [...] Salas para a exibição de filmes de arte são encontradas geralmente em capitais e são exclusivas para produções que estão fora do circuito comercial.¹³⁶

No entanto, o dono da sala continuou a entrevista, justificando que, “no período de férias, voltará a passar filmes do circuito comercial.” Mesmo porque, neste período, foram lançados grandes filmes.

O Cine Comodoro possui uma trajetória muito particular, ao mesmo tempo em que se engajava num projeto alternativo de exibição, passava também, no final da década de 1990, mais especificamente em 1998, a exibir uma programação completamente nova. Com o fechamento do cinema da cidade que possuía uma programação pornô, o Cine Comodoro iniciou um período de apresentação voltada a esse gênero.

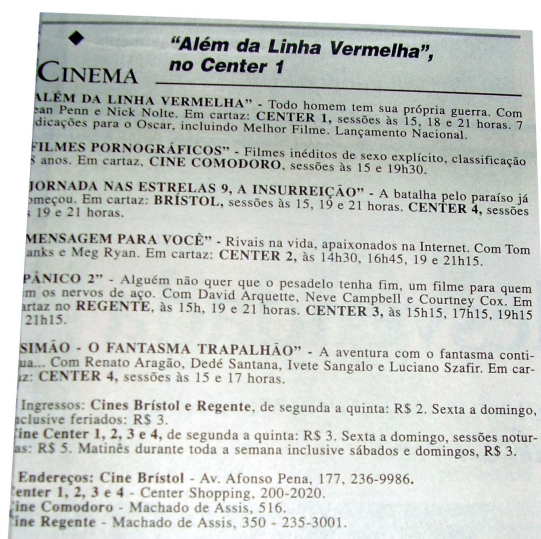


FIGURA 25: A programação diária dos cinemas no jornal demonstra o gênero do Cine Comodoro.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 01/04/199, p. 23.

¹³⁶ **Jornal Correio**, p. 15, 11/05/96.

2.6 – CINE IT

O Cine It, atual representante das salas de cinema no centro da cidade, é o único sobrevivente de uma época áurea do cinema. Este resiste ainda no mesmo espaço de outrora. Foi inaugurado, em 1963, com capacidade para 335 lugares. Localiza-se na Praça Clarimundo Carneiro, bem no centro da cidade. Com uma tela grande, um hall pequeno de entrada, já que a bilheteria é agregada a um corredor de acesso às poltronas.

Essa sala vem se destacando no circuito de cinemas. Apesar de possuir uma programação especial – pornográfica –, já exibiu, em outras épocas, outros gêneros cinematográficos. Segundo informações presentes na imprensa local, o cinema só passou a ter uma programação diferenciada a partir do momento em que houve uma liberação da censura no Brasil na década de 1980. Mesmo porque, em seus tempos de glória, já chegou a exibir até desenhos infantis.

Até o início dos anos 80, sexo no cinema só através das inocentes pornochanchadas brasileiras. Em 1982, com a abertura política e cultural do presidente Figueiredo [...] O público aficcionado entrou de sola: proliferaram as chamadas “salas especiais”, exclusivamente dedicadas à exibição de pornôs. Em Uberlândia, o escolhido foi o Cine It, que em seus dias de glória chegou a exibir até filmes e desenhos infantis. Hoje o gênero não causa tanto furor, mas a empresa proprietária do cinema garante que o “It” tem um público pequeno, “porém fiel”, que toma a manutenção da sala.¹³⁷

O Cine It foi escolhido para ser o representante desse segmento que se formava no mercado cinematográfico. Possuindo, inclusive, uma clientela cativa que não deixou fechar suas portas. Pelo contrário, sua existência estende-se até nossos dias. Mas, não passou ileso, o Cine It manteve-se fiel ao seu público, por anos, porém no final da década de 1990, mais especificamente em 1997, uma notícia bombástica chega aos leitores do jornal: “Cine It fecha suas portas após 34 anos de existência.”¹³⁸.

Um dos mais tradicionais cinemas da cidade, inaugurado em 1963, chega ao fim. O Cine It, que nos últimos 15 anos se especializou em exibir filmes pornográficos, deixou de existir mês passado. Suas poltronas, quem diria, foram doadas para uma instituição religiosa de Passos. O fechamento deixou inconsoláveis seus fiéis frequentadores.¹³⁹

O fechamento repentino da sala apresentava as mesmas justificativas: “falta de recursos para manter a estrutura e funcionários” e a ausência de um público maior.

¹³⁷ **Jornal Correio**, p. B-01, 25/03/90.

¹³⁸ **Jornal Correio**, p. 01, 21/11/97.

¹³⁹ *Ibid.*

Mesmo tendo sua programação especial a partir da década de 1980, o Cine It se especializou exclusivamente em filmes pornô, conseguindo manter-se no circuito por longos anos afora, sem nenhuma interrupção.



FIGURA 26: Fachada do Cine It e o desmanche da sala.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 21/11/1997, p. 05.

Na imagem, percebemos a difícil tarefa em carregar os restos de uma memória e de um passado tão vivo e atuante que não desapareceu. A fatalidade e o descrédito da empresa em relação à sala eram evidentes, pois, por não conseguir manter-se no circuito, foi preciso tomar uma atitude drástica a respeito. O que fazer? A única opção foi vendê-la a um novo proprietário que o modificou. As estruturas, internas e externas, mantêm-se intactas, inclusive o gênero pornográfico de filmes também, que se encontram à disposição do público no mesmo espaço de outrora. É a única sala remanescente de um momento efervescente da história do cinema, encontrando-se no mesmo local.



FIGURA 27: Fachada atual do Cine It – 2004
Fonte: CASTRO, Kellen C.;

2.7 – A reorganização de um hábito social consagrado

É, os cinemas acabam. Acabam igrejas, tribunais, museus, escolas, vivendas encantadoras onde se curte o prazer de existir, ler, conversar, amar, dormir. Acabam e cedem lugar a novas construções, que por sua vez... Dou-lhes trint'anos e essas novas formas estarão caducas.

Carlos Drummond de Andrade

Filme cultura

O ato de ir ao cinema, até meados da década de 1970, reportava a um acontecimento social, respaldado e valorizado como imprescindível ao viver e ao compartilhar de experiências de uma época marcante na cidade de Uberlândia. Assumia uma aura de mistificação e de prazer peculiares a um momento social que se perdeu na poeira dos anos. A questão, para a qual converge a discussão presente neste trabalho, é relativa à nova percepção desse hábito, decorrente de sua reelaboração como prática social. Ir ao cinema ainda mantém-se como opção de lazer. Entretanto, há de se enfatizar que se tornou “uma” dentre as vastas possibilidades de entretenimento.

Torna-se necessário, então, preceituar em que bases e em que condições se legitimam a reorganização desse hábito, uma vez que não há como negar as mudanças e, conseqüentemente, sua nova organização social. Não se trata, em absoluto, de pretender resgatar ou petrificar uma prática social. Trata-se de acompanhar o percurso da reelaboração simbólica da prática social que é o ato de ir ao cinema.

O que antes se configurava como um acontecimento social, respaldado num espetáculo, torna-se um ato comum e corriqueiro em nossa sociedade. Assim, o antigo hábito de ir ao cinema e o fascínio ao adentrar em suas salas, ornamentadas e arquitetadas para receber o público que aguardava ansioso por mais um espetáculo, transformam-se, estruturando-os em outros referenciais. As permanências e as rupturas presentes nesta prática social, o ato de ir ao cinema, mostram-se interessantes, à medida que se torna passível de possibilitar a reflexão em torno de sua organização.

A mudança no hábito de ir ao cinema não se constitui como um processo isolado nem mesmo restrito à cidade de Uberlândia. Esse processo é perceptível em diversos centros urbanos, mais especificamente, ocorridos na segunda metade do século